

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES
ISSN 1678-3182

VOLUME VI

NÚMERO XXII

JUL – SET 2007

A subversão pela trapaça: o mito do *trickster* em *Huckleberry Finn*

Alexander Meireles da Silva
 UNIABEU / ISAT / PG- UFRJ

Resumo:

No romance *Huckleberry Finn* (1885), de Mark Twain fantasia e realidade moldam o enredo. A partir desta afirmação, este artigo visa analisar como a presença do mito do *trickster* em *Huckleberry Finn* atua como um instrumento da crítica de Mark Twain em relação à sociedade sulista dos Estados Unidos em fins do século XIX. Para esse propósito será mostrado primeiramente como as características histórico-culturais do sul Americano promovem uma leitura fantástica de sua realidade. No próximo momento será visto como elementos do mito do *trickster* presentes em *Huckleberry Finn* são utilizados por Mark Twain para expor as condições sociais de seu tempo.

Palavras chave: Literatura Norte-americana – *Huckleberry Finn* - *Trickster*

Subversion by deception: The myth of the Trickster in *Huckleberry Finn*

Abstract:

In the novel *Huckleberry Finn* (1885), by Mark Twain fantasy and reality shape the plot. Based on this statement, this article aims at analyzing how the presence of the myth of the trickster in *Huckleberry Finn* acts as an critical instrument by Mark Twain in relation to the southern society of the United States of America at the end of the nineteenth century. To such purpose it will be shown first how the historical and cultural characteristics of the American southern promote a fantastic reading of its reality. In the next moment it will be seen how elements of the myth of the trickster presented in *Huckleberry Finn* are used by Mark Twain to expose the social conditions of his time.

Key words: North-american literature - *Huckleberry Finn* - *Trickster*

Uma criança descalça pescando a beira de um rio e um negro tentando escapar da opressão da escravidão: os dois personagens principais de *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885) - o menino Huckleberry Finn e o escravo Jim - tem em comum o fato de serem pessoas que colocam a liberdade como prioridade em suas vidas. Neste sentido os dois compartilham características com uma das figuras mais recorrentes nas narrativas populares do Sul dos Estados Unidos, onde este romance do escritor americano Mark Twain se desenvolve: o *Trickster*.¹ Entre algumas tribos nativas norte-americanas ela pode aparecer na forma de um herói mítico como o Corvo ou o Coiote. Nas comunidades de escravos norte-americanos este personagem se manifesta nas narrativas folclóricas como um coelho (*Br'er Rabbit*) ou uma aranha (*Aunt Nancy*) (ROBERTS, 1990, p. 98). Mas tanto no mito quanto no folclore suas ações são marcadas pela audácia, rebeldia, amoralidade e infantilidade direcionadas para a idéia de promover a liberdade individual contra as restrições do grupo (ABRAHAMS, 1980, p. 193). Não seriam também estas as palavras para se definir as ações de Jim e Huckleberry Finn? A partir desta proposta, este artigo visa analisar como a presença do mito do *trickster* em *Huckleberry Finn* se coloca como um veículo de crítica de Mark Twain a respeito da sociedade Sulista dos Estados Unidos em fins do século XIX. Para isso será mostrado primeiramente como as características histórico-culturais do Sul dos Estados Unidos promovem uma leitura fantástica de sua realidade, a seguir será visto como elementos do mito do *trickster* presentes em *Huckleberry Finn* são utilizados por Mark Twain para expor as condições sociais de seu tempo.

Como parte da manifestação cultural conhecida pelo abrangente termo 'Literatura Oral', que inclui canções populares, baladas, provérbios, charadas, encantamentos, lendas e poemas épicos (CASCUDO, 1978, p. 22), os contos folclóricos sobre o *trickster* são comumente encontrados em sociedades primitivas cuja cultura é transmitida oralmente. Eles se tornam literatura, no sentido estreito da palavra, quando as pessoas começam a reuni-los e a compilá-los. Quando isso acontece é geralmente um sinal de que a sociedade em questão está em declínio. Assim, se os contos de fadas dos irmãos Grimm nasceram a partir da busca do registro da história e da cultura antiga da Alemanha, *Huckleberry Finn* é a celebração de Mark Twain da complexa história e cultura do Sul dos Estados Unidos.

Na literatura infantil, como em todas as vertentes romanescas, o espaço subordina as ações do herói. Alice e Dorothy, por exemplo, personagens respectivamente de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll e *O mágico de Oz* (1900), de Frank L. Baum, devem seguir as ilógicas normas dos reinos encantados onde elas se encontram para assim tentar voltar para casa. Huck Finn e o escravo Jim, da mesma maneira, têm suas aventuras em um lugar marcado por costumes e crenças locais. Uma terra que devido a sua geografia, história e estrutura social é uma referência na literatura americana como um lugar de sonhos e idealizações do ser humano: o sul dos Estados Unidos. Sendo uma manifestação da sua cultura, a literatura infantil americana perpetuou tal visão em *O mágico de Oz* no qual após ser levada junto com sua casa no Kansas por um furacão, Dorothy chega em Oz e encontra a bela e bondosa regente do Sul, Glinda, uma personagem que evoca a adoração sulista pela figura feminina. Mulheres que, na vida real, sofreram em silêncio pela infidelidade de seus maridos. Por detrás desse mundo de idealização refletido em sua obra como um todo, Mark Twain mostra que o Sul é primordialmente uma região de comunidades isoladas cuja tendência para uma visão romântica do mundo ao seu redor constrói uma realidade alicerçada pela imaginação.

A presença da palavra 'aventura' no título de *Huckleberry Finn* evidencia a atenção de Twain para uma das mais marcantes características da região Sul norte-americana: sua inclinação para o romantismo (RUBIN, 1979, p. 206). Este traço cultural advém principalmente dos primeiros colonos ingleses da região como pequenos escudeiros e seus filhos e aventureiros que conseguiram grandes porções de uma terra que conspirava contra a realidade a favor do romance. O Sul é um local de cores extravagantes, de vegetação e florescência exuberantes alimentados pelos amarelos da luz do dia favorecendo o plantio em contraste com o fraco e rude solo derivado do inóspito clima da Europa e das regiões do norte da América. Além dessas condições naturais, também contribuiu para essa visão a experimentação da liberdade proporcionada pelo Novo Mundo em oposição a estratificada sociedade européia marcada pela exploração das classes mais baixas e pela opressão religiosa. Estes dois fatores fomentaram a crença em um futuro promissor e ilimitado que se refletiu na ascensão de um espírito individualista e na valorização burguesa do espírito romântico. Logo, valores de honra e heroísmo associados com os ideais da cavalaria se tornaram parte da vida diária dos pioneiros ingleses revelando o legado cultural cuja

influência marca o desenvolvimento dos romances, dos contos de fadas e de *Huckleberry Finn*.

“Tom Sawyer disse que havia Á-rabes lá também, e elefantes e coisas. Eu disse, por que nós não podemos vê-los, então? Ele disse que se eu não fosse tão ignorante, mas tivesse lido um livro chamado *Dom Quixote*, eu saberia sem perguntar” (TWAINE, 1994, p. 22).² A tendência de Tom Sawyer de transformar todas as suas atividades em aventuras envolvendo heróis e heroínas literários e seu desejo de aparecer diante dos amigos para ser admirado por eles é uma nostálgica reconstituição do passado de Mark Twain como um jovem sulista (RUBIN, 1979, p. 206). Dessa maneira, as palavras de Huckleberry Finn sobre seu amigo indicam a influência do romance sobre Twain e conseqüentemente sobre a própria mentalidade do Sul. A presença intertextual de *Don Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes reforça esta leitura, revelando que, assim como Dom Quixote, os sulistas vivem em um mundo idealizado imerso na fantasia, na improbabilidade, na extravagância, na inocência, e nos feitos heróicos da cavalaria. Estes elementos da literatura romanesca encontram na representação das famílias Grangerford e Shepherdson a perfeita tradução do espírito sulista norte-americano:

Coronel Grangerford era um cavalheiro, entenda. Ele era um cavalheiro por completo; e sua família também. Ele era bem nascido, como se costuma dizer, e isso vale tanto para um homem quanto para um cavalo, como dizia a Viúva Douglas, e ninguém nunca negou que ela fosse da primeira aristocracia de nossa cidade; e papai sempre disse isso também, apesar de que ele não tinha mais qualidade que um vira lata (p.107)

O discurso de Huck Finn é a legitimização de uma ideologia na qual o nome da família de um homem ou a quantidade de suas posses determina a adoração popular de sua figura aristocrática como um herói. ‘Aristocracia’ é, de fato, uma palavra chave para se entender o sul dos Estados Unidos, algo que pode ser observado no contato de Huck Finn com os Grangerfords, onde ele fica muito impressionado pela família Sulista. Eles possuem os típicos valores encontrados nas histórias épicas: eles são dignos, hospitalares, orgulhosos, belos, corteses, devotados, e gentis com estranhos e necessitados. No entanto, quanto mais Huck aprende sobre eles, mais desconfortável ele fica com o caráter e comportamento da família. Através das observações e comentários de Huck, Twain ataca os valores aristocráticos sulista. Um exemplo disso é o exercício de ironia do escritor presente no comentário de Huck sobre a residência dos Grangerfords quando este diz que “...não havia visto nenhuma casa na região que fosse tão bonita e tivesse tanto estilo.” (p.102). Enquanto Huckleberry Finn admira o lugar, Twain impiedosamente expõe a exótica mistura de

ostentação e patético provincianismo apresentado diante do personagem. A ironia prossegue com a exposição da pretensão cultural dos Grangerfords marcada pela presença de *Pilgrim's Progress*, *Highlands Marys* e *Lafayettes* altamente deslocadas de seu contexto. Opulência e gosto pela poesia, no entanto, não constroem sozinho um mundo épico, pois este é primordialmente heróico, e é justamente na busca por estes feitos heróicos que se encontra a falha destes aristocratas. Ainda que eles possam se vestir como aristocratas para se sentir como tais, falta a eles a vivência de tal realidade conseguida apenas através da lenta experiência. Como também comenta W. J. Cash sobre os aristocratas Sulistas: “No âmago de seu ser eles sempre carregaram, eu acredito, uma incomoda sensação da inadequação de seus papéis” (1979, p. 71).³ É este conflito interno que está por detrás da violência desses homens contra qualquer um, mas principalmente os Nortistas, que ameaçam a sua crença em seu mundo idealizado. Quando isso acontece o Sulista espera uma imediata satisfação catártica na forma de um corpo dançando no final de uma corda ou queimando no fogo, e não através da justiça institucional do amanhã. O Sul norte-americano de Mark Twain é, então, um mundo destacado da realidade com suas próprias leis marcado pela ação de feudos familiares que tem no linchamento e na justiça pelas próprias mãos uma prática institucionalizada.

A luta entre Grangerfords e Shepherdsons traz em mente a guerra insana entre os impérios de Lilliput e Blefescu descrito por Jonathan Swift em *As viagens de Gulliver* (1726) na qual as duas nações lutam sangrentamente para decidir qual é a extremidade correta para se quebrar um ovo. Huckleberry Finn, como Gulliver, é um estrangeiro que não está familiarizado com as tradições dos diferentes lugares onde ele se encontra. Todavia, diferente do personagem de Swift, os exóticos lugares e seres que Huck encontra em sua jornada pertencem a sua própria terra. Assim como Gulliver também, Huck quer entender a lógica que leva homens a matarem uns aos outros, mas a Swiftiniana resposta dada por Buck sobre as razões da luta é tão absurda quanto simples: “Ora, nada – é apenas problema do feudo.” (p.110). Mas talvez a mais enfática representação do lado negro da aristocracia Sulista norte-americana esteja no evento em que Huck testemunha o assassinato a sangue frio do velho Boggs pelo coronel Sherburn. Boggs é um inofensivo tolo barulhento, enquanto que Sherburn, um fino exemplar do orgulho aristocrático, bravo e inteligente a sua própria maneira, ainda que egoísta, brutal e rude. Os moradores tentam que Boggs pare de gritar insultos contra o coronel e vá para casa. Ao mesmo tempo, porém, eles perversamente

apreciam a morte do velho homem a ponto de reconstituírem o evento para um dos transeuntes. Quando os indignados moradores se dirigem para a casa de Sherburn com o anunciado propósito de linchá-lo, mas se intimidam diante de sua presença e do seu discurso, Twain mais uma vez apresenta sua crítica contra a idealização que o Sulista constrói para si mesmo:

Eu nasci e fui criado no Sul, e vivi no Norte; então eu conheço as pessoas por todos os lugares. O homem comum é um covarde. /.../ De tanto seus jornais chamarem vocês de um povo bravo vocês se *acham* mais bravos que qualquer outro povo – enquanto que vocês são apenas tão bravos quanto, e não mais bravos. /.../ Agora a coisa a ser feita por vocês, é abaixarem os seus rabos e irem para casa e se enterrarem em um buraco. Se qualquer linchamento for ocorrer de fato, ele será feito na escuridão, à moda Sulista; e quando eles vierem eles irão trazer as suas máscaras, e trazer um *homem* com eles. (p.146)

Em uma terra onde a crítica ao seu meio de vida poderia ser punida com linchamento (TINDALL, 1984, p. 540), a incisiva observação de Sherburn atesta como os aristocratas americanos Sulistas do século XIX tinham a exata noção de seu poder, um poder que também era legitimado pelo fundamentalismo religioso.

Sendo quem ele é, ou acredita ser, o Sulista requer uma fé que seja tão radical quanto ele, fé esta que encontra no Deus do Velho Testamento a sua figura central. O Deus tirano que muito se assemelha a um monarca. Para este Deus, cada homem possui um lugar específico no mundo porque ele assim ordenou. Estes princípios Calvinistas alcançaram grande sucesso no individualismo e extravagância do Sul não apenas entre as massas, mas principalmente entre a classe dirigente afetando profundamente a estrutura social da região (YOUNG, 1979, p. 121). A inerente transcendência religiosa combinada com a inclinação Sulista para o irreal promoveu a ascensão de uma classe cujo poder superou a influência material dos aristocratas: os ministros religiosos. Em *Huckleberry Finn* esse poder é mostrado no comentário de Huck quando ele percebe que as famílias inimigas se encontram na mesma igreja e conversam sobre amor fraternal respeitando o pregador enquanto mantém suas armas entre as pernas. Mais uma vez a ironia de Twain aparece na voz de Huck: “... isso me pareceu ser um dos Domingos mais difíceis que eu tive de encarar” (p. 112).

O mundo de *Huckleberry Finn* apresenta então uma curiosa e complexa mistura de princípios Calvinistas e ideais aristocráticos. Esta atmosfera repressiva objetivava defender uma instituição: a escravidão. Devido a isso, ao contrário de outras regiões americanas, o Sul recebeu poucos imigrantes após a Revolução resultando em uma população composta

quase que exclusivamente de brancos e negros. A medida que o tempo passou a natureza bi-racial da população influenciou outros aspectos da vida. Sobre a cultura do Sul, W. J. Cash comenta em *The Mind of the Negro*: “O Negro penetrou no homem branco tão profundamente quanto o homem branco penetrou no negro – influenciando sutilmente cada gesto, cada palavra, cada emoção e idéia, cada atitude.” (1969, p. 51). Este homem negro, o escravo, era também um produto das expectativas do homem branco. Para eles, este ser era um ‘*Sambo*’, ou seja, dócil, mas irresponsável; leal, mas preguiçoso; humilde, mas propenso a mentiras e ao roubo. Um adulto cheio de dependência e comportamento infantis (TINDALL, 1984, p. 537), características que no romance de Mark Twain são usadas em referência a Jim, “O grande negro da senhorita Watson...” (p. 14). Os escravos eram, por esta razão, vítimas tanto da escravidão quanto de uma ideologia em que eles eram alvo do ódio da massa de pobres brancos desocupados relegados a ignorância e a degeneração devido a escravidão. Homens como o pai de Huck Finn.

Na sociedade do Sul, o pai de Huckleberry Finn é, nas palavras do próprio filho, um “vira-lata”. Imerso na ideologia Sulista, Huck Finn aceita as idéias promovidas pela Senhorita Watson e a classe média branca de forma geral sobre os brancos pobres. Falando sobre seu pai, ele diz: “Não havia nenhuma cor em seu rosto, onde se podia ver seu rosto; era branco; não como outro homem branco, mas um branco de deixar o corpo doente, /.../ Quanto as suas roupas – só farrapos, isto era tudo.” (p. 27). Neste ponto é importante mencionar que ao invés de uma caricatura, a representação do pai de Huck por Twain é um retrato preciso da degredada classe dos *White trashes* (“Lixos branco”) que viviam nas margens de uma sociedade polida. Semelhante a descrição apresentada em detalhes no romance, eles eram caracterizados por uma magreza e palidez profunda e hereditária, dados a caça e a pesca e a beberem uísque falsificado (TINDALL, 1984, p. 550). Uma dieta alimentar que os levou a serem conhecidos como “comedores de lixo”. Por detrás dessas máscaras, no entanto, se encontravam homens que foram forçados a buscar refúgio nos bancos de areia e nos pântanos depois de terem sido empurrados para estes locais pelos mais bem sucedidos. Mark Twain, contudo, estava consciente de que o problema com esses homens era menos hereditário e mais social. Através do contato de Huck com o estilo de vida de seu pai no meio da natureza e sua conseqüente rejeição aos valores religiosos e aristocráticos, Twain critica a hipocrisia do Sul:

Levou tempo até que eu me acostumassem a estar onde eu estava, e a gostar disso, /.../ minhas roupas costumavam estar todas em farrapos e sujas, e eu não conseguia entender

como eu pude vir a gostar tanto de estar na casa da viúva, onde você tem de se lavar, e comer em um prato e se pentear, e ir para a cama e se levantar na hora certa, e se entediar sempre com um livro e aturar a Senhorita Watson brigando com você todo o tempo. Eu não queria voltar mais. /.../ Eram tempos muito bons aqueles lá na floresta, ... (p. 32)

Este é Huckleberry Finn. Junto com Jim eles são os principais personagens do romance. Ainda que devido a força física ou posição social eles estejam visivelmente em desvantagem em relação a maioria dos personagens que eles encontram pelo caminho, Huck e Jim possuem um conhecimento pratico da vida que pode ser sentido em toda a história revelando suas naturezas heróicas picarescas. Em *Huckleberry Finn*, portanto, o que vemos são as aventuras de *white trashes* e *sambos* em uma região de Reis do Algodão, fundamentalismo religioso e justiça com as próprias mãos. Como os reinos encantados das narrativas folclóricas, o Sul dos Estados Unidos é um lugar de regras próprias onde os homens são reduzidos a estereótipos. Esta é a terra retratada criticamente por Mark Twain em seu romance, uma terra onde as adversidades fomentam o aparecimento de um tipo especial de herói: o *Trickster*.

Conhecida pelos folcloristas como *Märchen* (ATTEBERY, 1980, p. 5), o conto maravilhoso ou conto folclórico é herdeiro literário de uma cultura camponesa na qual as narrativas eram um importante veículo da expressão do homem comum sobre seu meio. Como a folclorista Linda Dégh observa: “A história não é apenas entretenimento ou recreação para a comunidade local, mas /.../ um meio de protesto da injustiça social.” (*Apud* ATTEBERY, 1980, p. 4). Nestas histórias a autoridade e a propriedade são desafiadas por benevolentes forças da natureza. Dessa forma o fantástico é mostrado como uma força subversiva e democrática: o fraco derrota o forte e o camponês se torna rei. Em nenhuma outra forma literária esta superação do forte pelo fraco através da inteligência e da esperteza obteve maior repercussão e influência junto ao seu público alvo do que nos contos afro-americanos sobre o *trickster*.

Como foi discutido anteriormente na apresentação do Sul dos Estados Unidos, a população negra levada para a América como escravos se deparou com uma estrutura social alienígena e hostil na qual ela era vista como animalesca, primária e sempre inclinada a enganar seu mestre branco. Não é surpresa então que em pouco tempo a figura do *trickster* se tornasse associada com a comunidade negra. Nestas ocasiões os contadores de histórias negros focavam suas narrativas nas aventuras de *Br'er Rabbit* e *Aunt Nancy* devido as vitórias desses pequenos animais contra criaturas que as superavam em força ou tamanho.

“Ao aceitarem a imagem bestializada, preguiçosa e infantilizada na qual eles são colocados, eles são capazes de se sentirem valorizados, pelo menos psicologicamente, através desses contos.”, explica Abraham Herskovits (*Apud*, ROBERTS, 1990, p. 97). Sendo geralmente representado como um animal, as histórias do *trickster* se tornaram uma referência para os escravos. Histórias estas na qual uma pequena criatura supera uma outra, maior e mais forte. As inteligentes estratégias de *Br'er Rabbit* alcançaram grande repercussão no Sul dos Estados Unidos. Através dessa relação, os negros converteram traços estereotipados em características a serem admiradas (se não pelos brancos, pelo menos por outros negros).

Esta admiração pode ser percebida na relação dos escravos com Jim. Para eles, Jim é um “shaman negro”, aquele que domina um conhecimento mágico além do entendimento do homem branco. Huck Finn percebe a influência de Jim e comenta: “Os negros vinham milhas para ouvir Jim falar sobre as coisas, e ele era mais procurado que qualquer outro negro naquela região.” (p.16). Enquanto que para os senhores de escravos Jim é apenas um ‘sambo’, “...imprestável, como servo, por ter se tornado tão arrogante devido aos relatos de ter visto o demônio e de ter sido levado por bruxas.” (p.16), a comunidade negra o vê, “como se ele fosse uma maravilha” (p.16). Dessa forma, não importa de fato se os senhores brancos consideram as histórias de Jim como superstições tolas. Para os negros, elas são tão reais como o ar que eles respiram. Devido a ligação dos negros com o *trickster*, o preconceito dos brancos às práticas negras se torna então mais uma evidência da ignorância branca em contraste com a sabedoria superiora dos negros.

Neste ponto cabe perguntar: qual seria, portanto a real natureza de Jim e dos escravos sulistas em geral? Para George Brown Tindall a imagem do negro como ‘sambo’ era apenas um disfarce de proteção usado por eles para corresponder às expectativas da população branca (TINDALL, 1984, p. 557). Ao enganarem os outros os escravos correspondiam, assim, ao papel desenvolvido pelo *trickster* na maioria dos contos afro-americanos. Devido a isso, pode ser considerado que Jim-*trickster* também prega uma peça nos leitores de *Huckleberry Finn* ao aparecer no início do romance como um escravo tolo que se revela posteriormente um sábio guardião para o menino Huck. Além disso, Jim prega uma peça na própria sociedade escravocrata Sulista, pois, assim como o pequeno animal que sobrepuja o maior, este negro prova ser mais humano que os civilizados homens brancos que ele vê em sua viagem. Jim, semelhante ao *trickster* almeja a liberdade contra as limitações da sociedade. À nível psicológico o que o personagem do *trickster* promove é a liberação de

todos os desejos anti-sociais reprimidos pelo homem que ouve e narra as histórias sobre o *trickster*.

A leitura de Jim como *trickster* como um veículo de crítica social dentro da estrutura narrativa de *Huckleberry Finn* pode explicar a advertência presente na página de abertura do romance: “As pessoas que tentarem encontrar um propósito nesta narrativa serão perseguidas; as pessoas que tentarem encontrar uma moral nela serão banidas; as pessoas que tentarem encontrar uma moral nela serão baleadas.” (Nota). Twain está consciente do tom subversivo de seu ‘conto’. Uma subversão percebida na narrativa do *trickster* também na forma do menino Huckleberry Finn.

O *trickster* pertence a um mundo mítico. Como já foi discutido, o Sul norte-americano de Mark Twain também é descrito como uma terra mítica dividida entre um passado idealizado e um futuro desconhecido na qual Huck habita. O personagem de Twain se coloca como uma energia indomada em forma humana impelida por necessidades primárias. Assim como o menino, a característica mais evidente do *trickster* é a sua falta de moral (ROBERTS, 1990, p. 99). Como Huck diz a respeito da Senhorita Watson:

...ela estava vivendo de forma a ir para um lugar bom. Bem, eu não consegui ver nenhuma vantagem em ir para onde ela estava indo, então eu me convenci que eu não iria tentar isso. (p.12)

Nas palavras de Huck se percebe uma independência de espírito que certamente está por detrás da fascinação que este romance vem provocando em gerações de leitores. Ele se comporta como os membros da sociedade se comportariam se não fossem limitados pelo medo de suas ações individuais. A única coisa que Huck Finn almeja de fato é a liberdade. Um objetivo perseguido por todo o romance. Este é o motivo que o leva a escapar da civilização simbolizada pela Senhorita Watson. Como ele diz: “...Ela [Senhorita Watson] me disse tudo sobre os lugares ruins, e eu disse que queria poder estar lá. /.../ Tudo o que eu queria era estar em algum lugar; tudo o que eu queria era uma mudança,...” (p.12). É este desejo de mudança o elemento que move Huck Finn. Como *Br'er Rabbit*, Huck é um inimigo das fronteiras e limites e, conseqüentemente, da estagnação. Ele tem um destino em algum lugar Rio Mississippi abaixo. Este mesmo desejo por liberdade une o escravo Jim a Huck, pois no caldeirão cultural que criou a América o negro é o ingrediente que denuncia a inerente contradição da nação: ser um escravo na terra da liberdade. A liberdade, de fato, é a principal motivação do ser humano, algo que o define. Por esta razão, ao fugir, Jim pretende reencontrar a sua humanidade para assim deixar de ser apenas um estereótipo conhecido

como "...o grande negro da Senhorita Watson..." (p.14). Jim e Huck são, portanto, motivados pela esperança de recuperar valores humanos básicos. Esta intenção requer a partida para lugares novos e desconhecidos. No caso de Jim e Huck este lugar é o mesmo que pode levá-los a esperada liberdade: o Rio Mississippi. Eles decidem assim fugir da civilização e buscar refúgio no rio. Lá, cercado pela natureza, o ambiente onde os contos de *Br'er Rabbit* se passam, Huck Finn revela sua semelhança com a figura mítica. Ele decide se mover não respeitando propriedades ou limites territoriais porque o Rio Mississippi é maior que todos eles. O rio é uma terra livre onde as leis dos homens não têm valor. Por esta razão, por seguir apenas as suas leis, o *trickster* também é freqüentemente mostrado como um fora da lei. "Ele é muito egoísta, muito infantil, muito insano para ser consciente da lei.", observa Roger D. Abrahams (1980, p. 195). Usando sua condição de criatura pequena (uma criança), Huck Finn é capaz de se sair bem de suas ações. Desta maneira, ele simula sua própria morte e engana dois caçadores de escravos com a história sobre varíola. Este é o *trickster* que prega peças em animais maiores. Para tais truques, Huck assume diferentes disfarces que o permitem interagir com outros personagens; falsas identidades, através das quais Twain critica sua sociedade. Huckleberry Finn se torna Sarah Williams (p. 61) e assim ele apresenta a mulher Sulista que sofre em silêncio com seu marido a pobreza decorrente da condição social: "...a mulher quis falar sobre como os tempos estavam difíceis, e como eles tinham de viver na pobreza." (p. 64), diz Huck sobre a mulher casada com quem ele fala. Mas Huck é também George Jackson (p. 99), e como tal ele é apenas uma testemunha da luta sem sentido entre famílias tradicionais cuja existência depende da perpetuação de um passado já esquecido. Um idealizado passado aristocrático que permite a Huck Finn se tornar um menino inglês, como visto no livro. Huckleberry Finn e o *trickster* são, finalmente, o Sulista. Alguém cuja vida é uma tentativa de sobrepujar a ameaça de um 'superior' e 'civilizado' estilo de vida vinda da Região Norte do país. Através de suas crenças, sonhos e mitos este homem suporta a pobreza e frustrações da vida diária. Através de seu mundo mágico ele trapaceia o próprio destino.

Neste artigo foi proposto que uma das razões da fascinação evocada pela leitura do romance *Huckleberry Finn* está ligada a sua capacidade de transcender os limites da literatura Realista para apresentar em sua estrutura elementos de formas narrativas de origem míticas como os contos afro-americanos sobre o *trickster*. No seu princípio, de fato, a literatura era essencialmente fantástica. Na infância do homem a explicação dos fenômenos

naturais era desconhecida. O pensamento mágico era, então, o real. Como foi analisado neste texto, o Sul dos Estados Unidos também é definida por uma falta de limite claro entre a realidade e o fantástico. Um mundo onde o Sulista é uma criança-homem que inocentemente aceita um mundo idealizado. Mark Twain está consciente disso. Ele sabe que longe de serem totalmente adultos, os homens do Sul são, em parte, crianças como Huckleberry Finn, e, como tais, eles encontram na fantasia a rejeição da opressiva realidade do mundo dos adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAMSON, Roger D. Trickster, the outrageous hero. In: COFFIN, Tristram (ed.). *American Folklore*. Washington: Voice of America Forum Series, 1980. pp.193-201.
- ATTEBERY, Brian. *The fantasy tradition in american literature*. Bloomington: Indiana University Press, 1980.
- BEAVER, Harold. Hucks world: the river and its people. In: _____. *Huckleberry Finn*. London: Unwin Hyman, 1987. pp. 61-70.
- _____. Huck and Pap. In: _____. *Huckleberry Finn*. London: Unwin Hyman, 1987. pp. 79-91.
- _____. Huck adrift. In: _____. *Huckleberry Finn*. London: Unwin Hyman, 1987. pp. 92-103.
- CASH, W. J. The mind of the south: its origins and development in the old south. In: _____. *The mind of the south*. New York: Vintage Books, 1969. pp. 3-105.
- HOFFMAN, Daniel G. Black magic – and white – in *Huckleberry Finn*. In: SMITH, Henry Nash (ed.). *Mark Twain*. New Jersey: Prentice-Hall, 1963. pp. 101-111.
- KHÉDE, Sonia Salomão. Personagens das primeiras histórias para crianças. In: _____. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. pp. 40-50. (Série Princípios nº 61).
- LANE, Lauriat. Why *Huckleberry Finn* is a great world novel. In: INGE, M. Thomas. *Huck Finn among the critics*. Washington: United States Information Series, 1984. pp. 157-165.
- LEEMING, David, LEEMING, Margareth. Trickster. In: _____. *A dictionary of creation myths*. New York: Oxford University Press, 1994. p.272.
- ROBERTS, John W. The african american animal trickster as hero. In: RUOFF, A. La Vonne Brown, WARD JUNIOR, Jerry W. *Redefining american literary history*. New York: Voice of America Forum Series, 1990. pp.97-114.

- RUBIN, Louis D. Mark Twain's South: Tom and Huck. In: _____. (ed.). *The american south: Portrait of a culture*. Washington: Voice of America Forum Series, 1979. pp. 199-213.
- TINDALL, George Brown. The old south: an american tragedy. In: _____. *America: a narrative history*. New York: Norton Press, 1984. pp. 537-572.
- TWAIN, Mark. *The adventures of Huckleberry Finn*. London: Penguin Books, 1994. (Penguin Popular Classics).
- YOUNG, Thomas Daniel. Religion, the 'Bible belt', and the modern south. In: RUBIN, Louis D. (ed.). *The american south: Portrait of a culture*. Washington: Voice of America Forum Series, 1979. pp. 119-126.

NOTAS

¹ Neste artigo se preferiu manter o uso da palavra inglesa "*Trickster*" dada a sua significação dentro dos estudos literários e culturais. A tradução aproximada para a Língua Portuguesa é "Trapaceiro".

² A tradução das citações do romance *The Adventures of Huckleberry Finn* foram feitas pelo autor do artigo. Subseqüentes citações pertencem a mesma edição e aparecerão no texto indicadas pelo número da página.

³ Todas as citações no texto pertencentes a obras escritas originalmente na língua inglesa e não publicadas no Brasil foram traduzidas pelo autor deste artigo.